

SOFRIMENTO E EXISTÊNCIA: UMA LEITURA DASEINSANALÍTICA

SUFFERING AND EXISTENCE: A DASEINSANALYTICAL READING

SUFRIMIENTO Y EXISTENCIA: UNA LECTURA DASEINSANALITICA

Breno Augusto da Costa
Brasil- Uberaba (MG)

RESUMO

Neste trabalho o sofrimento é tematizado em uma perspectiva fenomenológica heideggeriana, cuja investigação o concebe como uma experiência fundada no encontrar-se e caracteriza-se como o prolongamento de um apelo irresistível à dor que acomete o ser humano. O processo de sofrimento é sempre engastado na existência, restringindo e nivelando o horizonte de possibilidades do ser. Na psicoterapia tal condição aponta para a relevância do processo de escuta e para a discussão do sentido do sofrimento na história de vida do paciente, uma vez que o sentido é a base para a compreensão do sofrimento e para a realização de novas escolhas. O terapeuta deve aceitar e acompanhar no seu processo de desvelamento de sentidos, trabalhando em prol de uma maior liberdade existencial do paciente. Conclui-se que o sofrimento compõe o cerne da prática clínica por ser bastante difundido e é uma experiência fenomenologicamente abordável, indicando a necessidade de maiores estudos a partir dessa perspectiva.

Palavras-chave:

Sufrimento; Existência; Heidegger; Daseinsanalyse; Psicoterapia.

Abstract

In this paper the suffering is thematized in a heideggerian phenomenological perspective, whose investigation conceives it as an experience of prolongation of the irresistible call of the pain which affects the human being founded in the state-of-mind. The process of suffering is always cramped in the existence, restricting and leveling the horizon of possibilities of the being. In psychotherapy this condition points out to the relevance of the process of

listening and to the discussion of the meaning of the suffering in the patient's life history, since meaning is the base to comprehend suffering and to free new choices. The therapist must accept and accompany the patient in the process of unveiling meaning, working for the patient achieve more existential freedom. It concludes stating that the suffering composes the core of the clinical practice because it's widespread and a phenomenologically approachable experience, pointing the necessity of more works from this perspective.

Keywords:

Suffering; Existence; Heidegger; Daseinsanalysis; Psychotherapy.

Resumen

En este trabajo el sufrimiento es tematizado en una perspectiva fenomenológica heideggeriana, cuya investigación lo concibe como una experiencia fundada en la disposición afectiva y que se caracteriza como una extensión de la llamada irresistible de dolor que afecta al ser humano. El proceso de sufrimiento se inserta siempre en la existencia, generando restricción y la nivelación del horizonte de posibilidades de ser. En la psicoterapia esta condición apunta a la relevancia del proceso de escucha y de la discusión sobre el sentido del sufrimiento en la historia de vida del paciente, ya que el significado es la base para la comprensión del sufrimiento y el logro de nuevas opciones. El terapeuta debe aceptar y acompañar al paciente en su proceso de presentación de los sentidos, trabajando hacia una mayor libertad existencial del paciente. Se llega a la conclusión de que el sufrimiento constituye el núcleo de la práctica clínica por ser bastante difundido y es una experiencia fenomenológicamente asequible, lo que indica la

necesidad de realizar más estudios desde esta perspectiva.

Palabras-clave: Sufrimiento; Existencia; Heidegger; Daseinsanalyse; Psicoterapia.

Introdução

*Sorve todo o olor que anda a recender
Pelas espinhosas florações do meu sofrer
Vê se podes ler nas suas pulsações
As brancas ilusões e o que ele diz no seu gemer
E que não pode a ti dizer nas palpitações
Ouve-o brandamente, docemente a palpitar.
Catulo da Paixão Cearense*

O termo sofrer tem origem latina e significa suportar, aguentar, padecer (Cunha, 1991). O sofrimento é uma experiência tanto diversificada quanto comum na sua manifestação. Através de diferentes expressões e origens, apropriações e vivências, é uma problemática cuja investigação de sua essência é tarefa relevante. Sendo um fenômeno penoso experimentado em certa dose por qualquer pessoa, apresenta-se demandando cuidado clínico em determinadas ocasiões. Embora seja um termo bastante utilizado nos textos que abordam a natureza do ser, ou mesmo no nosso cotidiano clínico, existem diversas lacunas no nosso conhecimento acerca do sofrimento.

Uma investigação abordando seu relacionamento com a existência oferecerá subsídios para a atuação do psicoterapeuta e do psicólogo, uma vez que este fenômeno parece compor o cerne da clínica, pois é citado por diferentes autores vinculados ao pensamento daseinsanalítico (Evangelista, 2013, 2016; Pompéia, 2014; Sapienza, 2015), no entanto, pouco se aprofunda na tematização do sofrimento.

As investigações que se seguem abordam o sofrimento a partir de uma perspectiva fenomenológico-existencial heideggeriana. Em seguida o sofrimento é tematizado na sua relação com a existência. O texto encerra trazendo apontamentos acerca da abordagem psicoterápica do sofrimento.

O Método Heideggeriano de Investigação

A perspectiva fenomenológico - existencial heideggeriana, tal como a compreendemos, é uma vertente dos esforços de Edmund Husserl (1859-1938) de abordar a subjetividade humana de uma forma alternativa ao pensamento naturalista e positivista. Visando a compreensão das experiências humanas a partir delas próprias, ou seja, colocando entre parêntesis o conhecimento adquirido via abordagens de inspiração naturalista-positivista e abordando a experiência na sua manifestação genuína, a fenomenologia foi compreendida e apropriada por outros pensadores de diversas formas (Cerbone, 2014; Cardinalli, 2015).

O método fenomenológico tal como apropriado por Martin Heidegger (1989-1976) possui algumas rupturas e divergências substanciais com a noção husserliana. Ao conceber o homem como um ser-no-mundo, ou *dasein*, Heidegger coloca-o como o ser que

possui uma compreensão pré-ontológica daquilo que é, ou seja, ele possui acesso ao ser dos entes; o ser dos entes, aquilo que determina as entidades como entidades, determina sua compreensão de tal ou qual forma. Destacamos que para Heidegger (1927/2012): Ente é tudo aquilo de que discorremos, que visamos, em relação a que nos comportamos desta ou daquela maneira; ente é também o que somos e como somos nós mesmos. Ser reside no ser-que e no ser-assim, na realidade, na subsistência, no consistente, na validade, na existência¹, no dá-se (p.45).

Assim, o homem sendo um ser-em-situação com os entes do interior do mundo, a investigação fenomenológica não pode partir da redução fenomenológica tal como concebida por Husserl (Cerbone, 2014), ao invés disso Heidegger (1975/2012) concebe este componente do seu método como uma “recondução do olhar fenomenológico da apreensão do ente, como quer que uma tal apreensão se determine, para a compreensão do ser desse ente” (p.36), em suas diversas formas de desvelamento. Outros dois componentes do método fenomenológico tal como compreendido por Heidegger, além da redução fenomenológica, é a *destruição* e a *construção fenomenológica* (1975/2012, §5). Destacamos a destruição, pois esta empreende a tarefa de desconstruir criticamente os conceitos tradicionais, mas de forma a apropriar-se positivamente deles. Concebemos que tal tarefa realiza-se também através da busca do sentido primordial dos termos utilizados corriqueiramente.

A investigação é uma pergunta teórica em que aquilo que se pergunta deve ser tematizado (Heidegger, 1927/2012, §2). O método fenomenológico permite a investigação da coisa a partir dela mesma, uma vez que o fenômeno, em se manifestando, se mostra em si mesmo (Heidegger, 1927/2012, §7). Segundo Heidegger (1927/2012), a fenomenologia tem como tarefa “fazer ver a partir dele mesmo o que se mostra tal como ele por si mesmo se mostra” (p. 119), portanto a investigação fenomenológica do sofrer impõe a tarefa de investigar o sofrer a partir da própria experiência do sofrimento, em detrimento de achados filosóficos fortuitos, construções teóricas pobremente sustentadas em sistemas lógicos e assertivas científicas de origem naturalista.

Sufrimento e Existência

A exemplo do medo como um *modus* do encontrar-se (*Befindlichkeit*) (Heidegger, 1927/2012, §30), é possível investigar o sofrer a partir de três pontos de vista: aquilo diante de que se sofre, o sofrer e o porquê do sofrimento. O sofrimento ele próprio é uma manifestação ôntica do encontrar-se e assim deve ser tratado não como uma manifestação que vem de dentro ou de fora do ser, mas uma experiência do ser-no-mundo.

¹ No original Heidegger utilizou o termo *Dasein*, no entanto o pensador adverte que o usa no sentido habitual, ou seja, *Dasein* enquanto uma tradução germânica do termo latino *existentia*. Assim, aqui, o termo existência também designa o sentido tradicional do termo.

Aquilo diante de que se sofre, aquilo que faz sofrer, é a própria dor. No entanto ao invés de elencar os entes que podem fazer sofrer ou o caráter da dor engendradora do sofrimento, é preciso destacar que em sua essência *o ser do sofrimento é um apelo-de-dor irresistível ao ser humano*. Não há como escapar da dor que motiva o sofrimento, pois de outra forma não haveria o sofrimento, haveria dor. O sofrimento não é simplesmente uma dor, pois a dor pode ser superada, pode ser “não-pensada”, mas o sofrimento chama a atenção à própria dor que se arrasta e se prolonga. A dor, em seu caráter de ser-dor, é uma vivência de perniciosidade ao próprio ser. A perniciosidade, por sua vez, pode ser uma manifestação de restrição existencial provocada por uma grave ruptura das possibilidades; de uma vivência maléfica que vem-de-encontro ao ser de variados modos; ou então uma permanente limitação dos modos-de-ser do dasein, uma limitação que se arrasta. Esses múltiplos modos de perniciosidade aparecem ao ser com um caráter de irresistível apelo, e isso, frente ao ser, faz sofrer.

O *sofrer puro*, ou seja, ele mesmo, é deixar-se afetar pelo apelo à dor. É um deixar-se afetar que atesta o apelo irresistível dessa dor. Quem sofre é o sofredor. A construção do termo sofredor se dá pela aglutinação da raiz *sofre* com o sufixo nominal *dor*, derivado do latim *tor*, *toris*. Este sufixo designa a noção de agente, ou instrumento da ação (Cunha, 1991). O sofredor é o agente da dor, mas não agente como aquele que motiva a dor, é um agente cujo sentido repousa na direção de agir com dor. O sofre-dor experimenta a dor, e mesmo que tal noção a rigor não seja construída etimologicamente dessa forma, a interpretação, lançadora de possibilidades no existir, permite tal compreensão. Rigorosamente, os termos sofredor, trabalhador, fundador, etc. são construídos tal qual sofredor, ou seja, aglutinando o sufixo *dor* a determinada raiz, que indica a noção de agente ou instrumento da ação, contudo interpretamos o sofredor como aquele que experimenta a *dor*, termo de origem também latina e que expressa um “sofrimento físico ou moral, mágoa, aflição” (Cunha, 1991). O sofrimento pode tanto ser experimentado como tendo sua “origem” no corpo-próprio (Leib), quanto tendo sua origem em âmbitos “morais”, “psicológicos”, “afetivos”, ou “espirituais”, tal como é apreendido nas interações comuns no cotidiano. Todo sofrer é uma possibilidade fundada no encontrar-se, porém no cotidiano diferencia-se a “dor no coração”, causada por uma cardiopatia qualquer que seja; daquela “dor no coração” motivada pelo relacionamento amoroso rompido. Há outros exemplos de sofrer: “sofrer um derrame”, “sofrer um ataque cardíaco”, “sofrer uma perda” [de ente querido], “sofrer pelo time de futebol”, “sofrer de mal de Alzheimer”. Estas experiências podem ser vistas a partir do olhar de um profissional de saúde que cuida do corpo (Körper) que sofre, em uma perspectiva naturalista, ou vista na perspectiva daquele que sente a dor no seu corpo-próprio, por exemplo. No entanto, é imperioso salientar, independentemente das diversas formas em que é visado, o sofrer como uma experiência é um modo do encontrar-se.

O sofrimento é a concretização de um fluxo constante de dor, de perniciosidade que desespera e chama a atenção. O sofrimento longe de ser uma experiência pontual e passageira é um processo engastado no próprio existir, tornando cada possibilidade do ser marcada por ele, sendo, dessa forma, reduzida, ameaçada. Quem sofre, sofre-dor. O sofrer vincula-se à dor, pois ele é um arrastamento dela, um processo de prolongamento dela, de sorte que há diversos momentos de sofrimento. A dor, quando uma experiência pontual, referenciada a uma lida ao alcance do ser humano, é uma experiência a ser superada ou sanada: ela deve ser “cuidada” uma vez que se constitui algum tipo de ameaça ao próprio ser devido ao seu caráter pernicioso. A partir do momento em que o homem aguenta a dor, em que a dor arrasta e se prolonga, é possível falar do sofrimento. O padecer é uma experiência penosa de sofrimento, cujo apelo irresistível é intenso e ocupa o ser de forma dominante. O padecimento está além da lida com a dor, pois esta assume um caráter maléfico cuja possibilidade-em-evidência de ocupação (*Besorgen*) é apenas suportá-la. Quando padece uma dor pungente, o ser humano experimenta um apelo de dor que obscurece qualquer outra manifestação na clareira (*Lichtung*) do ser. Nos casos onde há severa amputação ou desmembramentos ocorre a dor pungente cuja manifestação apela o ser de maneira irresistível, o caráter pernicioso é demonstrado pela forma como tal experiência é motivada por uma ameaça forte ao próprio ser.

O sofrimento também acomete o ver-ao-redor (*Umsicht*), cuja capacidade de apreender os amanciais é severamente restrita. Assim, amanciais (*Zuhandenheit*) é também influenciada por esse modo do encontrar-se chamado sofrimento, uma vez que caráter de “instrumentalidade dos objetos naturais, dispostos aí, ao alcance da mão” (Vieira Pinto, 1979, p.340) é restrito e limitado em sua “utilizabilidade” para o homem.

Prado e Caldas (2013) concebem que o sofrimento pode ser vivido em determinados momentos como perder-se de si mesmo. Compreendemos que a perda de si pode ser aproximada da experiência da inautenticidade das próprias escolhas, ou seja, das próprias experiências engendradas por nossas escolhas, mas que nos afastam de nosso projeto existencial.

O *porquê do sofrimento* onticamente encontra diversas expressões. Van Deurzen (2006) afirma que “a culpa é uma fonte de muito sofrimento humano” (p. 385), nesse sentido há a experiência da contrição. A contrição, aqui, é olhada além do sentido teológico e concebida como uma experiência de arrependimento profundo. Não é possível “fugir” da culpa, assim, o arrependimento traz um apelo irresistível e que se arrasta, impondo ao ser a ocupação e a subsequente lida com essa experiência. O sofrimento engendrado pelos desdobramentos de uma escolha mostram que esta foi malsã de acordo com o projeto existencial norteador do ser. A contrição envolve um sofrimento que se anuncia, da mesma forma como se anuncia as possibilidades de escolha: o homem é um poder-ser, cujas possibilidades, ao serem escolhidas permitem o

desdobramento de novas possibilidades e o abandono de outras, ou seja, permitem o desvelamento de novas possibilidades com o subsequente encobrimento de outras; mas todo fazer escolha significa escolher algo e deixar de escolher algo. A responsabilidade, portanto, é um fardo que o homem deve carregar, lidando com ela. Medard Boss (1963) aborda essa condição do ser humano em que todo ato, decisão e escolha excluem as outras possibilidades (p. 269-271). Por outro lado, Sapienza (2015) aponta que há sofrimentos decorrentes “das frustrações, das dúvidas, dos desacertos, das injustiças, das desilusões”. Concebemos que tais experiências se fundam na possibilidade do sofrimento como culpa relacionada às escolhas más ao projeto do ser.

Mas também o sofrimento é motivado pelas circunstâncias que influenciam o homem. O homem, sendo um ser-em-situação, é lançado em um contexto que o circunda e que ele deve obrigatoriamente se ocupar; a situação é tomada tal como concebe o filósofo brasileiro Álvaro Vieira Pinto (1909-1987) na obra *Ciência e Existência* (1979): “a realidade circunstante, sempre limitada, que o encerra e à qual tem acesso” (p. 190). Lançado em uma situação, o homem é um ser cuja condição pode ser afetada por qualquer tipo de sorte que configura seu horizonte de possibilidades. Vieira Pinto aponta ainda que “o homem é em essência livre, mas dotado de uma liberdade vigiada pelo contexto que o envolve, e do qual depende para ser livre, exatamente porque desse contorno derivam as contradições que a liberdade deverá vencer” (p. 368). Além de exercer sua liberdade referenciada à sua situação, o homem deve vencer uma série de contradições e imposições naturais desta mesma situação, e estas imposições, por sua vez, podem engendrar o sofrimento.

O sofrimento é um modo do encontrar-se caracterizado essencialmente por um apelo-de-dor irresistível ao ser humano. Aquele que sofre, sofre uma dor que se arrasta e se prolonga, sendo tal experiência indissociável daquilo que o homem é: um ser-em-situação cuja característica essencial é, conforme aponta Mondin (2014) sobre o conceito existência no pensamento heideggeriano, “ser fora de si, diante de si, por seus ideais, seus planos, por suas possibilidades” (p. 217), assim o homem é sempre um ser projetado ao futuro. Heidegger (1927/2012, §9) concebe a existência como a essência do dasein atribuindo um sentido próprio a esse termo usado na tradição. O pensador considera a “existência como determinação-de-ser unicamente para o dasein” (p. 139).

Pompéia (2014) faz a seguinte leitura do conceito existência em Heidegger, apontando a existência na direção do futuro:

o homem é movido por aquilo que ainda não é. O que ainda não é é expectativa, projeto, imagem, sonho; mesmo que nunca venha a ser, que permaneça como pura possibilidade de ser (se já fosse, não seria mais uma possibilidade). A força maior dessa perspectiva de futuro pode vir desse ainda não². A existência se

situa na abertura do que ainda não é, na abertura do sonhar (p. 18).

Sapienza (2015) afirma que tudo aquilo que leva alguém à terapia se fundamenta no próprio ser do homem, que é caracterizado “por ser um poder-ser que é ao mesmo tempo um *ter-de-ser*³ marcado por todos os ‘nãos’ que constituem a sua existência finita, seja no futuro, seja no já-sido, seja no presente” (p.44), ou seja, a busca pela terapia se assenta na própria existência. Apontamos a coerência entre a concepção *de liberdade vigiada pelo contexto* como a essência do homem, de Vieira Pinto; e a condição de poder-ser marcado por todos os não destacada por Sapienza.

A relação do sofrimento com a existência é, de um lado, uma influência nas possibilidades existenciais, e de outro lado, uma restrição mesma de possibilidades. Da mesma forma que o a-gente (*das Man* heideggeriano) realiza um nivelamento das possibilidades de existir do ser humano (Heidegger, 1927/2012, §27), bem como toda interpretação-do-mundo; o sofrimento nivela as próprias possibilidades da pessoa no sentido de uma nivelção referida a esse próprio sofrimento. O horizonte de possibilidades é afetado, é “iluminado” pelo sofrimento que, de certa forma, dá um tempero próprio a cada possibilidade, determinando-a de alguma forma a ser relacionada a esse sofrimento. Por outro lado, o sofrimento em seu outro aspecto é uma restrição de possibilidades, pois direciona o horizonte do homem a um próprio poder-ser-vinculado a esse sofrimento; sendo ora uma busca por lidar com ele, ora fugir dele. O poder-ser-vinculado é a possibilidade de ser que se referencia a..., restringindo a própria abertura a essa experiência de sofrer.

Concebemos que o poeta Catulo da Paixão Cearense aborda, através da canção “*Rasga o Coração*” (1896), um ponto nevrálgico do sofrimento e que pode estender-se para a própria prática terapêutica. Na nossa compreensão no trecho acima citado o poeta diz em outras palavras: perceba a fragrância da minha dor, aquilo que emana dela. Perceba minhas restrições, meu fardo, meu pesar. Percebe como é pernicioso meu sofrimento, e como nocivo pode ser, ao ponto de minhas dores, meus sofrimentos, serem espinhos que não apenas a mim podem machucar ou afetar. E mesmo que eu não diga nada, mesmo que em meu silêncio não seja dita palavra alguma, o ser-com há de mostrar, há de te afetar e elucidar aquilo que vivencio.

Quem sofre uma dor fica dolorido; tanto uma dor do corpo-próprio (Leib) que demanda maior cuidado naquela região afetada ou machucada, quanto nas “dores do coração”, que iluminam a clareira durante todo o processo de lida com aquela dor. “Dores do coração” são assim chamadas no nosso cotidiano aquelas interações que nos afetam fortemente em termos de rupturas dos relacionamentos significativos ou até mesmo as perdas em decorrência da morte. Salientamos que independente da manifestação a partir do corpo-próprio ou do “coração”, qualquer

² Todos os grifos estão no original.

³ Grifos no original.

sofrimento é um modo do encontrar-se. Destacamos ainda a indissociabilidade daquilo que o homem é, uma vez que o sofrer do homem é fundado no encontrar-se, mas por outro lado, na preocupação-com-o-outro (*Fürsorge*, termo traduzido também como solicitude) é apreendido o sofrimento do outro devido à própria condição de ser que sofre.

Tal indissociabilidade fundamenta a posição de alguns autores (Lessa, 2004; Morato, 2013) que criticam a noção de empatia a partir de uma perspectiva heideggeriana. A crítica de Heidegger ao conceito empatia pode ser encontrada em *Ser e Tempo* (1927/2012) e *Seminários de Zollikon* (1987/2001); na sua obra magna, no §26, Heidegger aborda a questão da empatia (*Einführung*) em relação ao ser-com que o *dasein* é. O termo alemão *Einführung* foi abordado por seu mestre Husserl e outros fenomenólogos pioneiros. Alguns tradutores preferem traduzi-lo como *entropatia*, daí a necessidade de tecer certas considerações para evitar a compreensão que Heidegger criticava o conceito empatia como o compreendemos hoje: cravado pelo pensamento rogeriano. O ponto central da crítica heideggeriana à noção de entropatia é o caráter originário do ser-com, que antecede a própria noção de empatia. Já na obra *Seminários de Zollikon*, o pensador afirma que o conceito empatia se fundamenta em um mal compreendido, uma vez que repousa sobre uma noção de um *ego*, no sentido cartesiano, capaz de apreender um *alter ego*. Tal noção traz traços naturalistas e fogem da nossa própria experiência e modo de ser originário: ser-com.

Assim, fenomenologicamente, a compreensão de outra pessoa ocorre através da forma como somos afetados por ela, ou seja, ocorre graças uma forma de ressonância, considerando a nossa condição de ser-com Morato (2013). Novamente recordemos a canção “Rasga o Coração”; “as espinhosas florações do meu sofrer” são apreendidas pelas outras pessoas, assim como apreendemos o sofrer dos outros. Assim, na relação terapêutica, por exemplo, o paciente entra em ressonância com o terapeuta, que o compreende.

O *dasein* no seu relacionamento com as outras pessoas se defronta com outro *dasein* cuja essência é a mesma, cujos modos-de-ser são os mesmos. Seu modo de relacionar-se, dessa forma, deixa de ser a ocupação que teria com os manuais (*Zuhandenen*), do interior-do-mundo e passa a ser a preocupação-com. O *dasein*, sendo ser-com, se encontra sempre em relação com...; a própria experiência de estar sozinho só pode ser fundada na condição de homem como ser-com.

A preocupação-com-o-outro possui duas possibilidades e o deslocamento entre elas, da parte do profissional de saúde, é de suma importância na atenção à saúde do homem, seja qual for a modalidade de cuidado. A *preocupação-com substitutiva-dominadora* é caracterizada por uma substituição do outro na sua lida com as coisas do mundo, ou seja, na sua ocupação. Esta preocupação-com se ocupa com aquilo que o outro deve ocupar, subtraindo-o de seu próprio lugar. A *preocupação-com antecipativa-liberatória* visa, em contraste, restituir a própria preocupação do outro, já pressupondo o seu “poder-ser existencial”. O cerne desta possibilidade de

preocupação é a assunção que o outro é um ser humano, um *quem*, não um *que* do qual se ocupa. Segundo Heidegger (1927/2012, §26), “o cotidiano ser-um-com-outro mantém-se entre os dois extremos da preocupação-com positiva – a substitutiva-dominadora e a antecipativa-liberatória – e mostra muitas formas mistas” (p.355).

A modalidade psicoterápica de cuidado é hegemonicamente uma preocupação-com antecipativa-liberatória (Evangelista, 2013), uma vez que se constitui essencialmente numa prática de cuidado do próprio ser do paciente, cliente ou analisando. Holanda (2011) afirma que “ser *terapeuta*⁴ significa mediar um diálogo, agir pela palavra e ‘traduzir’ um sentido” (p. 72). Holanda aponta ainda que psicoterapia é a arte da interpretação do sentido que visa oferecer um cuidado preventivo e prospectivo e que aponta para o cuidado de si. O autor elaborou tudo isso se baseando no sentido primordial do termo terapia, que deriva do grego e indica o cuidado do corpo e da alma através da alma, ou seja, um cuidado mediado pela palavra que é oriunda do próprio ser. Segundo Jardim (2013), “no contexto da prática clínica, a contribuição da fenomenologia deve ser entendida antes como uma postura do terapeuta e como uma espécie de pano de fundo diante do qual o existir do paciente pode revelar-se como fenômeno” (p.45). O pano de fundo, ou seja, a fundamentação da compreensão do sofrimento em uma perspectiva fenomenológica heideggeriana foi expressa anteriormente. O sofrimento foi concebido como uma experiência de apelo irresistível à dor. Nesse momento é preciso discutir quais são possíveis posturas adotadas pelo terapeuta ao defrontar uma pessoa que sofre.

Podemos dizer, fundamentados em Jardim (2013), que na prática de cuidado é criado um espaço entre terapeuta e paciente em que a manifestação e compreensão ocorrem. Ambos os atores da psicoterapia, paciente e terapeuta, são tocados por aquilo que se manifesta, e, nesse sentido, a escuta ocupa lugar central na postura do terapeuta. A “escuta terapêutica” é concebida como tendo o caráter de acolhimento, aceitação e recepção daquilo que o paciente traz. O autor considera essa escuta como o ponto de partida da psicoterapia e deve permitir ao paciente “ser tal como ele se mostra sendo” (p.55), só assim o paciente pode mostrar seu modo de existir e ao mesmo tempo entrar em contato com os sentidos desvelados por ele. É relevante salientar o papel de desvelar sentidos, que se apresentam e se ocultam, em detrimento de abordar apenas o conteúdo do discurso, os acontecimentos citados pelo paciente. Em suma, a escuta traz como consequência as condições para o paciente “lidar e decidir seu existir fundamentado em si mesmo” (p. 56).

Em consonância com as considerações de Jardim (2013) acerca da relevância da escuta na prática psicoterápica, Sipahi e Vianna (2002) afirmam que “o terapeuta deve colocar-se a serviço do outro, oferecendo-se como companhia, [...] [aproximando-se] de seus sofrimentos, cuidando de acolher seus

⁴ Grifos no original.

medos, incertezas, vergonhas, com uma escuta e um olhar que lhe permitam aproximar-se de si mesmo” (p.90). Agindo na possibilidade de preocupação-com antecipativa-liberatória o terapeuta deve acompanhar o paciente no seu próprio processo de lidar com o sofrimento. De acordo com Maria Cytrynowicz (1997), acompanhar o paciente significa experienciar o seu mundo *com* ele no espaço terapêutico, expressando as próprias percepções, e *aceitar* o paciente nas suas manifestações. Na verdade esse acompanhamento só pode ser feito através da aceitação, por parte do terapeuta, das manifestações do paciente, ou seja, do seu modo lidar com as do mundo. Sofrer não é algo a ser “eliminado”, mas sim escutado e explorado, desvelando sentidos para ampliar as possibilidades da própria existência do paciente. Sapienza (2015) aborda o acompanhamento que deve ser exercido pelo terapeuta; a autora pontua que ele deve estar ali com o outro, disponível e reconhecendo a legitimidade do sofrimento deste.

O psicoterapeuta atua de modo a fomentar um espaço de escuta ao sofrimento e desvelamento de sentidos, em detrimento de um mero espaço para a remissão de sintomas. O sentido da experiência remete o terapeuta a adotar uma postura de situar o sofrimento na história de vida do paciente. No entanto, as atitudes do terapeutas devem sempre reconhecer o paciente como aquele *quem* deve conduzir sua existência, aquele *quem* deve exercer as resoluções da sua existência.

A mera remissão de sintomas não pode ser o objetivo da psicoterapia; adotar tal objetivo significa reconhecer o homem como uma máquina de funcionamento fechado, previsível e cuja possibilidade de ser “concertado” é realizada na terapia. Esta posição negligencia a natureza básica do ser humano como ser aberto, existente, cujo poder-ser sempre tem como horizonte as possibilidades que ele próprio é (David Cytrynowicz, 1978/1997). Isso não significa adotar o sofrimento, submetendo-se a ele ou se resignando simplesmente a aguentar uma dor, mas significa que o papel do psicoterapeuta é trabalhar oferecendo um espaço para o desvelamento dos sentidos do paciente. Pompéia (2013) afirma que o cerne da prática psicoterápica é o sentido. O sentido é uma base para a existência, ele a sustenta, uma vez que segundo Heidegger (1927/2012) “sentido é aquilo em que a entendibilidade de algo se mantém [...], [a partir do sentido] algo pode ser entendido como algo” (p.429). Jardim (2013) comenta:

o sentido desvela as próprias relações de mundo do paciente e como ele as compreende. Muito embora o sentido que sustenta o seu relato esteja e permaneça, na maioria das vezes, encoberto para ele próprio, o desvelamento e a compreensão dos modos de ser do paciente são um convite para a possibilidade de ele se aproximar de si mesmo para apropriar-se e lidar mais livremente com o próprio existir (p. 56).

Apropriar-se e lidar mais livremente com o próprio existir não significa outras coisas senão preocupar-se com sua própria existência. A psicoterapia, assim, está fundada na possibilidade da preocupação-com

antecipativa-liberatória, pois acompanha o paciente na sua própria preocupação, reconhecendo-o no seu poder-ser existencial, e na sua condição de ser livre e que deve responsabilizar-se pelas suas escolhas.

Jardim (2013) concebe que a *daseinsanalyse* é um caminho para lidar com o fundamento da dor trazida pelo paciente, ou seja, com o sentido dela, desvelando outros novos, novas compreensões que são conseguidas através da escuta da dor. Assim, entendemos que o papel do terapeuta frente ao sofrimento é oferecer um espaço de escuta, que acompanha aceitando, acolhendo, demonstrando ao paciente sua forma de existir e escolher para que a partir disso ele seja capaz de lidar com sua existência, manejando as possibilidades além do sofrimento.

Glazier, O’Ryan e Lemberger (2004) apontam que o psicoterapeuta *daseinsanalista* deve considerar o paciente na sua condição de ser contextualizado, isto é, historicamente e socialmente situado em um plano de fundo; implicando na necessidade de oferecer um espaço adequado para a exploração do contexto histórico e cultural do paciente. Além de explorar a situação em que o paciente vive, apontamos a necessidade de explorar as formas como ele se relaciona com os outros. Tomamos “os outros” aqui em sua noção exposta por Heidegger (1927/2012), portanto:

não significa algo assim como o todo dos que restam fora de mim, todo do qual o eu se destaca, sendo os outros, ao contrário, aqueles dos quais a gente mesma não⁵ se diferencia no mais das vezes e no meio dos quais a gente também está (p.343).

A partir disso é possível o paciente existir e realizar suas escolhas de um modo mais autêntico, sem se restringir ao nivelamento de possibilidades *vazias* do a-gente.

Foi tematizada a restrição das possibilidades existenciais engendrada pelo sofrimento. O terapeuta, diante restrição enfrentada pelo paciente, deve explorar “os incidentes biográficos motivadores que levaram o ser-no-mundo a restringir suas possibilidades” (Evangelista, 2013, p.155); essa exploração perpassa a escuta desveladora de sentido, mas também intervenções do terapeuta que visem ampliar a capacidade do paciente de se abrir para seu horizonte de possibilidades, ou seja, o paciente deve apropriar de suas possibilidades “à mão” sem restrição existencial. Apropriar, aqui, não significa escolher, mas sim abrir-se para a própria condição de poder-ser e ou ser livre.

Medard Boss (1976/1997) concebe que a prioridade do psicoterapeuta é “mostrar ao paciente que também há outros e mais livres modos de existir e depois, de dar-lhe coragem de experimentar, aceitar e viver estes outros modos” (p. 13). Nesse sentido, em outra obra (1963) o autor propõe o “por que não?” como uma intervenção desveladora de novas possibilidades. Antes de tentar compreender alguma manifestação do paciente ou interpretá-la através do “por quê?”, o terapeuta deve deixar o paciente se manifestar. A

⁵ Grifos no original.

restrição da existência é o caráter essencial da doença, assim a *daseinsanalyse* preza por levar o paciente a uma vida mais livre e autêntica.

Prado e Caldas (2013) concebem que a ação clínica com um paciente que sofre deve ser a de fomentar a apropriação dessa experiência. O terapeuta deve, através da escuta, tematizar, ou seja, explorar o sofrimento com o paciente para desencadear a apropriação. Ao se apropriar do sofrimento, novas possibilidades de ser são mobilizadas. Os autores concebem que o sofrimento do paciente é uma das condições possibilitadoras da ação clínica, já que quem sofre põe em questão o sentido dos entes que se ocupa.

Considerações Finais

A terapia é o cuidado do próprio ser através do desvelamento de sentidos e tendo como horizonte a promoção do cuidado de si do ser, ou seja, do paciente. Assim, se presta ao cuidado do sofrimento na sua relação com a história de vida e com a existência deste, uma vez que o sentido desvelado na prática psicoterápica perpassa por essas duas dimensões.

O foco do terapeuta não deve ser abordar o *que* o paciente sofre ou o *que* é esse sofrimento do paciente, mas sim, *quem* é esse paciente que sofre e o sentido subjacente em cada sofrer, em cada experiência. Embora o sofrimento ele mesmo seja um modo do encontrar-se, outras experiências afetivas manifestam-se e a exploração dos diversos modos de afetar-se (sentimentos, emoções, humor, estado de ânimo) deve ser efetuada na prática clínica.

De certo modo o sofrimento compõe o cerne da prática clínica e estudos fenomenológicos com esse tema são de fundamental importância na fundamentação da atuação dos terapeutas e psicólogos. Em detrimento de conceitos naturalistas ou positivistas, o sofrimento é uma experiência concreta e abordável fenomenologicamente, sendo assim, acreditamos na relevância desse conceito na psicoterapia e na clínica. Por outro lado, a própria psicopatologia, enquanto disciplina fenomenologicamente referenciada, se beneficia ao dar maior relevância a esse fenômeno; Tatiana Braga (2016)⁶ adota o uso do termo “pessoa em *sofrimento* existencial grave” em detrimento do termo loucura, que segrega, ofende e reduz o outro ser humano a um rótulo. Tal substituição concebemos que seja coerente com a situação do homem como ser existente e de uma atuação fundamentada no pensamento fenomenológico.

Das Limitações Deste Trabalho

As investigações precedentes foram frutos do desejo de contribuir para uma maior compreensão da experiência do sofrimento na perspectiva heideggeriana tendo a *daseinsanalyse* como horizonte. No entanto, é justo mencionar as limitações enfrentadas pelo autor no desenvolvimento do texto e

que restringem, naturalmente, seu alcance. O autor possui pouca experiência no uso do método fenomenológico de inspiração heideggeriana. Não foi realizada uma revisão rigorosa da literatura especializada internacional bem como não foi tematizado a questão do assim chamado “sofrimento mental” ou “psíquico” e os casos específicos de “psicopatologias”. Por fim cabe destacar as palavras de Heidegger (1975/2012) que falam por si só acerca das limitações do próprio autor do trabalho: “como o ser-aí [*dasein*] é histórico em sua própria existência, as possibilidades de acesso e os modos de interpretação dos entes são eles mesmos diversos, variando em conjunturas históricas diferentes” (p. 38).

Referências

- Boss, M. (1963). *Psychoanalysis and Daseinsanalysis*. New York: Basic Books.
- Boss, M. (1997). Encontro com Medard Boss. *Daseinsanalyse – Revista da Associação Brasileira e Daseinsanalyse*. 1, 2 e 4, 5-21 (Original publicado em 1976).
- Cardinali, I. (2015). Heidegger: o estudo dos fenômenos humanos baseados na existência humana como ser-aí (*Dasein*). *Psicologia USP*, (26)2, 249-258.
- Cearense, C. P., (1896). *Yara (Rasga o Coração)*. Retirado de: http://www.beakauffmann.com/mpb_y/yara.html. Em 27/06/2016.
- Cerbone, D. (2014). *Fenomenologia*. Rio de Janeiro: Editora Vozes.
- Cunha, A. G. (1991). *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa* (2ª ed.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Cytrynowicz, D. (1997). Psicoterapia: uma aproximação *daseinsanalítica*. *Daseinsanalyse - Revista da Associação Brasileira de Daseinsanalyse*. 1, 2 e 4. 63-70 (Original publicado em 1978).
- Cytrynowicz, M. B. (1997). Relação Analista-Analisando: uma abordagem *daseinsanalítica*. *Daseinsanalyse - Revista da Associação Brasileira de Daseinsanalyse*, 8, 30-38.
- Evangelista, P. (2013). A *Daseinsanalyse* de Medard Boss: Medicina e Psicanálise mais correspondentes ao existir humano. In: Evangelista, P. (Org.), *Psicologia Fenomenológico-Existencial: Possibilidades da atitude clínica fenomenológica* (pp. 139-158). Rio de Janeiro: Via Verita.
- Evangelista, P. (2016). *Psicologia Fenomenológica Existencial: a prática psicológica à luz de Heidegger*. Curitiba: Juruá.
- Glazier, J., O’Ryan, L., & Lemberger, M. (2014). Unearthing the humanistic predilection of *daseinsanalyse*. *International Journal of Existential Psychology & Psychotherapy*. 5(1), 148-156.
- Heidegger, M. (1927/2012). *Ser e Tempo*. (F. Castilho, Trad.) Campinas: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Vozes.
- Heidegger, M. (1975/2012). *Os Problemas Fundamentais da Fenomenologia*. (M. A. Casanova, Trad.) Rio de Janeiro: Editora Vozes.
- Heidegger, M. (1987/2001). *Seminários de Zollikon*. São Paulo: EDUC: Petrópolis: Vozes.
- Holanda, A. F. (2011). Fenomenologia do “Cuidado”: Reflexões para um olhar sobre o binômio saúde-doença. In: A. J. Peixoto, & A. F. Holanda, *Fenomenologia do Cuidado e do Cuidar: Perspectivas multidisciplinares* (pp. 67-83). Curitiba: Juruá.
- Jardim, L. E. (2013). Ação e compreensão na clínica fenomenológica existencial. In: Evangelista, P. (Org.), *Psicologia Fenomenológico-Existencial: Possibilidades da*

⁶ Palestra proferida no I Curso Introdutório da Liga Acadêmica de Fenomenologia Existencial (LAFEN/UFTM).

atitude clínica fenomenológica (pp.45-76). Rio de Janeiro: Via Verita.

Lessa, M. B. (2004). A desconstrução de conceitos da Psicologia Behaviorista e da Psicologia Humanista em "Seminários de Zollikon". *Fenômeno Psi*, 2(1), 24-30.

Mondin, B. (2014). *Curso de Filosofia: Os filósofos do ocidente* (Vol. 3 Coleção Filosofia). São Paulo: Paulus.

Morato, H. T., (2013). Algumas considerações da fenomenologia existencial para a ação psicológica na prática e na pesquisa em instituições. In: C. Barreto, H. Morato & M. Caldas (Orgs.), *Prática Psicológica na Perspectiva Fenomenológica* (pp. 51-76). Curitiba: Juruá.

Pinto, A. V. (1979). *Ciência e Existência*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Prado, R. A. & Caldas, M. T. (2013). Atitude fenomenológica existencial e cuidado na ação clínica. In: C. Barreto, H. Morato & M. Caldas (Orgs.), *Prática Psicológica na Perspectiva Fenomenológica* (pp. 95-106). Curitiba: Juruá.

Pompéia, J. A. (2014). *Na Presença do Sentido: uma aproximação fenomenológica a questões existenciais básicas*. São Paulo: EDUC; ABD.

Sapienza, B. T. (2015). *Encontro com a Daseinsanalyse: a obra Ser e Tempo, de Heidegger, como fundamento da terapia daseinsanalítica*. São Paulo: Escuta.

Sipahi, F. M. & Vianna, F. C. (2002). A Dependência de Drogas e a Fenomenologia Existencial. *Daseinsanalyse - Revista da Associação Brasileira de Daseinsanalyse*, 11, 85-92.

Van Deurzen, E. (2006). From Psychotherapy to Emotional Well Being. *Análise Psicológica*, 3 (XXIV), 383-392.

Curriculum

Pesquisador Independente. Membro-fundador da Liga Acadêmica de Fenomenologia Existencial (LAFEN/UFTM). Graduado em Psicologia pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro.

Correo de contacto: brenobac@gmail.com

Fecha de entrega: 23/8/16
fecha de aceptación: 2/9/16